

EDUCAÇÃO E IGREJA: APRENDENDO COM A REALIDADE RELATADA PELOS PADRES DA PARÓQUIA SANTO INÁCIO DE LAJEADO/RS

Mara Cristina Schnack¹

Resumo: O artigo relata a experiência de contato com o acervo (Livros de Tombo) existente na Paróquia Santo Inácio de Loyola de Lajeado/RS. Este estudo tem por objetivo relatar como tudo começou no fim do século XIX, através de uma análise simplificada desse acervo a partir das anotações feitas pelos padres responsáveis por registrar o dia-a-dia de sua diocese. Ficou claro que o trabalho dos padres com a educação tem sido sempre uma das suas prioridades e que, para realizá-las, nunca mediram esforços.

Palavras-chave: Educação. Igreja Católica. Irmãos Maristas.

1 INTRODUÇÃO

A educação no Brasil, de um modo geral, sempre esteve direta ou indiretamente ligada ao trabalho das igrejas. O interesse dos eclesiásticos em ajudar suas “ovelhas” incluía - desde a vinda dos jesuítas para o Brasil - alfabetizar e ensinar os preceitos cristãos e conseqüentemente arrebanhar mais fiéis para seus templos.

Este estudo faz um pequeno levantamento dessa tarefa a que se propuseram os padres católicos que viveram em Lajeado desde o ano de 1881, ano em que se escreveu o primeiro Livro de Tombo da Paróquia de Santo Inácio de Loyola. Foi motivado pela exigência de um estágio em acervo para conclusão da formação acadêmica da autora no Curso de História e seu genuíno comprometimento com a história da cidade em destaque.

Nada teria sido possível sem a colaboração do Padre Antonio Pohl, atual padre responsável pela Paróquia e de toda a equipe da Secretaria da Paróquia e da Casa Canônica, que foram incansáveis em atender as demandas dos estagiários para o sucesso desta pesquisa. Também vale destacar a orientação da professora responsável pela disciplina de Estágio Supervisionado em Acervos, além da importância do embasamento teórico-metodológico feito anteriormente - sem o qual não se poderia estimar este aprendizado.

O resultado alcançado dá uma perspectiva de como se iniciou a educação na região do Vale do Taquari, a partir do final do século XIX e até os dias de hoje. Esse trabalho culminou no Centro Universitário Univates, idealizado primitivamente na Associação dos ex-alunos Maristas de Lajeado, fundada no Colégio São José, em 22 de novembro de 1925, reativada e atualizada em 17 de julho de 1949 ([SCHIERHOLT, 1995](#)).

¹ Acadêmica do Curso de História do Centro Universitário Univates. (marask@universo.univates.br). Artigo feito na disciplina de Estágio Supervisionado em Acervos, sob a orientação da Prof^a Dr^a Neli Teresinha Galarce Machado.

2 UMA EXPERIÊNCIA COM ACERVO PAROQUIAL

Ao pensar a história e a cultura nos tempos atuais, não se pode moldar os novos objetos de interesse histórico em uma forma já existente. Os acontecimentos passados deixam rastros na nossa memória e no mundo material, ambos chamados de patrimônio, imaterial e material, respectivamente. É preciso redefinir os conceitos com os quais os profissionais da história vêm trabalhando. Considerando o que diz [Alves](#) (2007, p.45), que “a ‘história’ é criatura do tempo”, este artigo procura rever alguns desses conceitos que foram mudando ao longo do tempo e da história... que é a sua criatura.

E é revendo esses conceitos que se torna possível desconstruí-los e readaptá-los à nossa realidade. Considerando autores de ontem e de hoje, pode-se ou não chegar a um denominador comum, pois “todo conceito é histórico, constituído, em determinado momento do processo histórico, por homens reais, concretos, com interesses, valores também reais, concretos.” ([VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2005, p. 9](#)).

[Assunção](#) (2003, p. 5) diz que é imperativo que a sociedade despenda mais atenção aos assuntos do patrimônio e que devemos ver o patrimônio como expressão da cultura de um povo, da humanidade toda: “Descobrir o sentimento do patrimônio e refletir sobre o significado da experiência humana legada de geração para geração”. Ele sustenta que podemos começar a fazer isso pela Educação Patrimonial. Através dela é possível despertar o interesse para a necessidade de respeito aos monumentos e à memória das comunidades, considerando-se o seu contexto sociocultural.

Ainda seguindo as concepções desse autor, é difícil estabelecer o limite entre patrimônio material e imaterial. Como separar aquilo que o homem cria ou constrói do processo de saber-fazer esta criação ou construção? No caso do acervo pesquisado, parece que acontecem os dois fenômenos ao mesmo tempo. Trabalhou-se com [Livros de Tombo](#) (material) e com o imaginário das comunidades católicas da região trazidas a nós pelas impressões anotadas pelos padres ao vivenciarem estes acontecimentos sociais, religiosos, econômicos e políticos (imaterial).

2.1 Os padres e o acervo da Paróquia Santo Inácio de Loyola

Sendo assim, este artigo fala sobre alguns homens reais que viveram por aqui em determinado momento histórico: os padres que cuidaram da Paróquia Santo Inácio de Loyola desde 1881 e como eles trataram a questão do ensino na região, dando ênfase à cidade de Lajeado. Foi graças a esses “pequenos obreiros” que o ensino se desenvolveu nesta terra desde as primeiras aulas dadas, provisoriamente, nas casas dos paroquianos de antanho até a fundação da primeira faculdade, objetivo sonhado e realizado pela comunidade lajeadense, liderada pelo Padre Erico Schmitz, entre outros.

O acervo selecionado compõe-se de cinco Livros de Tombo, sendo o primeiro datado de 12 de julho de 1881, aberto por Monsenhor Vicente Ferreira da Costa Pinheiro. A fundação oficial da Paróquia se deu em 31 de julho do mesmo ano, dia do padroeiro, Santo Inácio de Loyola. Ao longo do estudo dos cinco Livros de Tombo, pôde-se perceber nitidamente a evolução dos costumes, as mudanças estabelecidas pela Arquidiocese de Porto Alegre e, posteriormente, pela Diocese de Santa Cruz do Sul, estimuladas pelo próprio Vaticano e a revolta dos párocos quando percebiam que as ordens vindas de seus superiores não coincidiam com seus princípios ou suas convicções. Por diversas vezes, se viu nos relatos diários desses padres a indignação por terem de acatar as determinações impostas pelos arcebispos ou pelos próprios Papas.

Como nós, esses eclesiásticos eram homens de sua época, alguns com ideias mais avançadas, outros mais conservadoras. Mas todos conscientes de sua missão nas comunidades para as quais eram designados. Após a transcrição completa das Cartas Pastorais, há páginas inteiras de desabafo, de revolta ante decisões superiores. Mas essas páginas, todas, foram concluídas com a exteriorização do anseio em cumprir o que lhes fora imposto, visto que, por escolha própria, constituíram-se servos do Senhor e da Igreja Católica.

A propósito, as Cartas Pastorais, escritas pelos bispos brasileiros, foram, durante o Século XIX, instrumentos privilegiados para que estes manifestassem suas posições a respeito das relações que se estabeleciam entre a Igreja, o Estado e a sociedade, principalmente no que concerne às críticas recebidas dos setores liberais e anticlericais que se apresentavam contra a atuação da Igreja e a disputa sobre os limites entre os poderes espiritual e temporal ([CAES, 2008](#)).

2.2 “Padres historiadores” e irmãos educadores

Sabe-se que esses párocos não eram historiadores e talvez nem tivessem essa pretensão. O que faziam nas suas anotações era, na prática e indiretamente, uma produção de História Demográfica. Como sua principal preocupação era adaptar o número de templos ao número crescente de paroquianos, acabavam “obrigando-se a dialogar com aspectos que a ultrapassam [a História Demográfica]” ([BARROS, 2004, p. 28](#)). Esse mesmo autor explica: “o dado demográfico está sempre preso a uma teia complexa: uma variação em um aspecto populacional pode produzir a necessidade de um grande rearranjo na organização política, nos traços ideológicos e nos bens culturais a serem produzidos pela sociedade” ([BARROS, 2004, p. 28](#)). Descrevendo os acontecimentos do dia-a-dia de suas paróquias, os sacerdotes foram construindo um acervo histórico que, agora, qualquer pessoa tem o privilégio de examinar.

Abrindo o Livro de Tombo V, em agosto de 1995, o Padre Álvaro Lenhardt registra o seguinte:

Ao iniciar este novo livro tombo da paróquia Santo Inácio, de Lajeado, aos 3 de agosto de 1995, temos consciência deste momento histórico. Este é o livro nº 5. O livro anterior registrou a história de 34 anos de Paróquia. Certamente este novo livro vai documentar décadas desta história, que estou iniciando neste livro. *Como a universalidade da história se faz da totalidade do efêmero de cada dia, na consciência do valor dos pequenos fatos*, iniciamos registrando neste dia que no mês de agosto [...] ([LIVRO DE TOMBO V, fl.1](#), grifo nosso).

O Padre Álvaro, provavelmente, não sabia que, registrando seu diário paroquial, estava considerando um campo de análise mais amplo da História, muito além do limitado rigorismo que se conhecia até então – uma “história total”, que mais tarde viria a ser chamada de “história nova” por alguns ou uma “história das mentalidades”, num arremedo vanguardista da tendência que surgia no Brasil.

Se for considerado que uma das metodologias utilizadas por historiadores ou pseudo-historiadores é “a eleição de um recorte privilegiado que funcione como lugar de projeção das atitudes coletivas (uma aldeia, uma prática cultural, uma vida), ou finalmente uma abordagem extensiva de fontes de natureza diversas” ([BARROS, 2004, p. 40](#)), pode-se dizer que é exatamente isto que estes padres fizeram ao longo de anos de anotações diárias.

Alguns bem conservadores, outros nem tanto, uns revolucionários e agitadores e outros nem tanto, todos foram motivadores deste olhar regional dentro do contexto mundial que viviam. Foi o que aconteceu com esta pesquisa: estudando a história regional, procurou-se não privilegiar o particular em relação ao total, mas destacar uma conjuntura mais ampla onde acontecem as relações dialéticas inerentes aos seres humanos que constroem uma sociedade.

E é isso que faziam os Livros de Tombo. Eles iam tecendo a história de todo um povo, talvez sem sabê-lo, descrevendo seu crescimento demográfico e as soluções encontradas pela Igreja – às vezes pretensiosamente, na busca de satisfazer as metas estabelecidas pelo Vaticano – com ênfase no ensino, neste caso, mais precisamente, com a vinda dos Irmãos Maristas, em 1907.

De acordo com [Duby](#) (1993, p.57-58),

[...] o fato é que os historiadores não são detectores inertes, lêem com olhos sempre novos os mesmos documentos, baseando-se em questionários constantemente adaptados. A maioria dos achados provém desse fermento de fantasia que leva o historiador a afastar-se dos caminhos muito batidos. [...] Não se há de pensar que repudio esta moral: ela que dá dignidade a nosso ofício.

Além de tudo isso, se poderia entrar, ainda, no mérito da *autenticidade* ou da *sinceridade*, conceitos amplamente trabalhados por [Gonçalves](#) (1988), que podem ser aplicados tanto a uma experiência pessoal como a um objeto histórico ou uma obra de arte: toda essa retórica não teria sentido se não fosse levada em conta a autenticidade do patrimônio nacional e cultural, pois ela é consequência da crença nacionalista na realidade da nação.

[Morin](#) (2001, texto digital) afirma que no conhecimento há muito de desconhecimento e de cegueira: “o século XX produziu avanços gigantescos em todas as áreas do conhecimento científico, assim como no campo da técnica. Ao mesmo tempo, produziu nova cegueira para os problemas globais, fundamentais e complexos, gerando inúmeros erros e ilusão.” Mas o que importa não é dar a verdade como pronta, mas tentar demonstrar o provável - o que o historiador será capaz de fazer - mesmo sabendo que o ser humano (e o historiador é um ser humano, portanto falível), pensa que as coisas são como *ele* pensa que são, ou *como ele as percebe* ou como as pessoas de sua confiança *dizem a ele* que são. E é aí que entra o ofício de historiador: observar os acontecimentos e depoimentos com reserva, entender onde fica a fronteira entre o dizível e o indizível, tentar comprová-los reinterpretando o passado e atendendo às exigências da verdade... Sob pena de não ser mais ele um historiador!

2.3 A vinda dos Irmãos Maristas

A preocupação dos padres jesuítas com a educação já vem de longa data. De acordo com [Schierholt](#) (1997b), não se encontra documentação que comprove a existência efetiva de alguma escola paroquial, mas há listagens de matrículas de alunos em Conventos (Lajeado) desde a década de 1870. Sempre na defesa dos direitos dos colonos, os padres e as lideranças locais preocupavam-se com o prosseguimento dos estudos além dos quatro anos primários que existiam.

Assim sendo, os “marginalizados” do fim do século XIX e início do século XX já tinham um futuro garantido a partir dessa premissa: cultura na teoria e trabalho na prática. Pelo menos os alemães católicos: “Se os alemães, como um todo, eram marginalizados, os protestantes o foram de um modo especial. Os católicos ainda tinham, através de sua fé, um laço que os unia à população brasileira; esse laço faltava aos protestantes” ([DREHER, 1984, p.58](#)).

Este trabalho de educar inclusive os colonos do interior do município também foi meta da Igreja Evangélica de Confissão Luterana desde 1891, de acordo com Faleiro (2005). Mas, conforme vários excertos dos Livros de Tombo, o ecumenismo na região simplesmente não existia, chegando ao extremo de não haver casamentos entre pessoas católicas e protestantes.

Sobre a não-ocorrência do ecumenismo entre as igrejas católica e protestante, veja-se o que escreve [Faleiro](#) (2005, p. 26): “Isso [a ânsia de ver funcionando uma escola luterana na sede do município] num contexto em que o conceito de ecumenismo não tinha o espaço, a pertinência e tampouco o significado que tem hoje”. E dizer que muitos anos depois os sinos das duas igrejas eram mais ecumênicos do que qualquer paroquiano jamais sonhara ser... Foram adaptados para tocar em acordes bem afinados, simbolizando a harmonia entre os dois credos² (informação verbal).

Os padres procuraram instalar uma “Escola Complementar” e mais algumas de cunho profissionalizante. Mas onde conseguir os professores para desenvolver esses cursos “mais adiantados”? “Do Governo Central nada podiam esperar” ([SCHIERHOLT, 1997b, p. 48](#)). Ainda predominava na política brasileira o segmento cafeeiro que primava pelo modelo educacional elitista, não havendo políticas públicas educacionais. O mesmo autor relata que a iniciativa novamente partiu dos segmentos privados da sociedade e da Igreja. Em 1897 foram feitos os primeiros contatos com os Irmãos Maristas, na França, de onde se origina sua Ordem. Eles começaram a chegar em 1900 a Porto Alegre .

Tudo isso em tempos em que os rio-grandenses viviam grandes agitações políticas e bélicas: a Revolução Federalista (1893), o fortalecimento do segmento político liderado por Júlio de Castilhos sob a sigla do PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) e, felizmente, “para as áreas de colonização, a continuidade de uma política educacional que ofertava importante liberdade de ação nas questões atinentes à educação escolar, sobretudo nas regiões mais distantes dos centros urbanos, como era o caso das comunidades formadas no Vale do Taquari” ([FALEIRO, 2005, p.21-22](#)).

Em Lajeado, foi construído um prédio para a nova escola paroquial católica, entregue às mãos dos educadores maristas, aqui chegados em outubro de 1907. Fundou-se, então, o Colégio São José, para meninos católicos.

3 O TRABALHO NO ACERVO

Primeiro o estranhamento, a curiosidade (máscaras, luvas, lupa!). Depois o interesse pelo trabalho de pesquisa proposto e o início de um convívio que duraria 60 horas³. Por consequência, vieram a colaboração e a disponibilidade na cessão do material do acervo. E, por fim, uma “escola” vivenciada junto a pessoas que faziam seu trabalho na Paróquia com carinho e a troca de experiências que enriqueceram a todos. Oportunidade mais do que válida para realizar o exercício da profissão de historiador/pesquisador, qual seja, perceber na alteridade a riqueza patrimonial, histórica, memorística e cultural.

Todo o trabalho de pesquisa no acervo foi acompanhado por contextualização histórica de autores regionais, nacionais e internacionais, uma vez que as decisões e ações tomadas localmente pelos padres eram resultado das ordens que vinham do Vaticano, via arquidiocese, sempre espelhando o momento pelo qual passava o mundo ocidental. Para realizar esta tarefa, foi

² Informação prestada pelo tocador de sinos da Igreja Evangélica de Lajeado, hoje com 74 anos de idade.

³ O estágio foi realizado de julho a novembro de 2008.

diligenciado embasamento teórico e prático, adquirido ao longo do Curso de História, sempre tendo em mente o cuidado para não cair no que os historiadores chamam de *anacronismo*, ou seja, a projeção de percepções pessoais sobre o mundo atual e sobre as mentalidades coetâneas para os homens dos tempos analisados no acervo.

Por exemplo, em 1962, em plena Guerra Fria, foi aberto o Concílio do Vaticano II que, conforme palavras de João XXIII, serviria “apenas para arejar a igreja, para permitir que uma brisa fresca envolva uma instituição que parece manchada de bolor” ([MUDAR..., 1962, texto digital](#)), o que provocou mudanças diretas na forma de conduzir o ensino nas escolas da região do Vale do Taquari.

Outro caso interessante ocorreu durante a campanha nacionalista, de caráter xenofobista, deflagrada pelo governo Getúlio Vargas, no final da década de 1930. Conta-se que, na região, os policiais despreparados chegavam a confundir o livro *Mein Kampf*, de Hitler, com a Bíblia e que o idioma alemão foi proibido nas escolas, causando dissabores à direção, professores e alunos dos colégios existentes, como o Madre Bárbara e o Alberto Torres ([SCHIERHOLT, 1997b](#)).

4 CONCLUSÃO

O exercício de compreender os homens da época foi possível por meio da contextualização teórica mencionada anteriormente. Mostrou-se tarefa difícil não se envolver emocionalmente com esses “heróis” católicos, pioneiros de outros tempos, para quem o conforto físico e espiritual só vinha de um lugar: da fé em Deus. E nem é preciso ser seguidor de alguma religião para absorver a magnitude do trabalho desses sacerdotes. É suficiente que se atente apenas da prerrogativa de apreciar os resultados desses anos relatados nos Livros de Tombo da Paróquia e os que hão de vir. [Todorov](#) (2002) entende que a memória abrange um espectro tão amplo que não pode ser simplesmente entregue ao entusiasmo ou à cólera e que é preciso começar por reconhecer as grandes características deste fenômeno complexo: a vida do passado no presente.

Este estudo teve como resultado o entendimento de uma das formas que a Igreja Católica usava para estabelecer seu posicionamento em relação, principalmente, ao comunismo, ao matrimônio e à educação - a epistolar - principalmente quando, no Brasil, terminou o regime de *Padroado*, em fins do século XIX. As epístolas (Encíclicas Papais e Cartas Pastorais Episcopais) eram uma forma direta e pontual de ampla abrangência por intermédio das quais a Igreja Católica se comunicava com seus fiéis e a sociedade em geral. Mantinha, assim, sob seu controle máximo, um grande número de cidadãos seguros de que estavam no caminho certo da salvação!

Problematizar historicamente é fundamental para que se dê sentido às imensas quantidades de fontes e informações à nossa disposição. Importa historicizar a memória e vincular a fonte documental com a produção do conhecimento histórico. Tentar situar acervos em seu contexto, tanto espacial como temporal - o êxtase de um historiador!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Perguntaram-me se acredito em Deus**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007. [1](#)
- ASSUNÇÃO, Paulo de. **Patrimônio**. São Paulo: Edições Loyola, 2003. [1](#)

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. [1](#) [2](#) [3](#)

CAES, André Luiz. **A Palavra dos Pastores: as Cartas Pastorais dos Bispos Brasileiros 1821 – 1890.** Disponível em: <<http://www.prp.ueg.br>>. Acesso em: 09 set 2008. [1](#)

DREHER, Martin Norberto. **Igreja e Germanidade.** São Leopoldo: Sinodal, 1984. [1](#)

DUBY, Georges. **A História Continua.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ, 1993. [1](#) [2](#)

FALEIRO, Silvana Rossetti. **Colégio Evangélico Alberto Torres: Memórias e História.** Lajeado, RS: Univates, 2005. [1](#) [2](#)

GONÇALVES, José Reginaldo. **Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: O problema dos patrimônios culturais.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, 1988, p. 264-275. [1](#)

LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA SANTO INÁCIO DE LOYOLA, v. I, 1881-1930 [1](#)

LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA SANTO INÁCIO DE LOYOLA, v. II, 1930-1941 [1](#)

LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA SANTO INÁCIO DE LOYOLA, v. III, 1942-1961 [1](#)

LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA SANTO INÁCIO DE LOYOLA, v. IV, 1962-1994 [1](#)

LIVRO DE TOMBO DA PARÓQUIA SANTO INÁCIO DE LOYOLA, v. V, 1995-1998 [1](#) [2](#)

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001. Disponível em:: <<http://www.conteudoescola.com.br>>. Acesso em: 15 out. 2008. [1](#) [2](#)

MUDAR PARA CONTINUAR. Revista **Veja**, São Paulo, outubro de 1962, sem citação de página. Disponível em: <<http://www.veja.abril.com.br/historia>>. Acesso em: 21 out 2008. [1](#)

SCHIERHOLT, José Alfredo. **APEUAT – Raízes do Ensino Superior.** Porto Alegre: Evangraf, 1995. [1](#)

_____. **100 Anos de Madre Bárbara.** Porto Alegre: Evangraf, 1997a.

_____. **Grão de Mostarda: Caminhada da Paróquia de Santo Inácio.** Lajeado: Copyright do próprio autor, 1997b. [1](#) [2](#)

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem: Indagações sobre o século XX.** São Paulo: Arx, 2002. [1](#) [2](#)

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A Pesquisa em História.** São Paulo: Ática, 2005. [1](#)

PARECER

O artigo além de demonstrar como a Igreja Católica, também em Lajeado, teve uma forte contribuição para o processo educacional destaca-se pela atraente narrativa histórica e em alguns momentos também poética. O texto está muito bem escrito, praticamente sem erros, excelente embasamento teórico-metodológico, bem como na pesquisa e na utilização das fontes documentais selecionadas e exploradas na tessitura do trabalho.

Dentre os ajustes e /ou sugestões seguem no próprio corpo do artigo para as quais utilizo marcador amarelo para inclusões e o marcador vermelho para exclusões. Levanto também alguns questionamentos a serem observados para os quais recorro ao marcador azul:

- p. 1 Curso e não curso;
“embasamento teórico-metodológico” e não apenas “embasamento teórico”.
- p. 3 Informar também o autor e ano ([BARROS, 2004](#)).
- p. 4 Na citação o indicativo do grifo nosso deve aparecer não no próprio texto mas sim no final, conforme segue ([LIVRO DE TOMBO V, fl.1](#), grifo nosso);
Sugiro incluir uma nota de rodapé explicando o conceito de Positivismo;
Antecedendo a citação proponho “De acordo com [Duby](#) (1993, p.57-58), temos:”.
- p. 5 [Edgar Morin](#) e não somente Morin;
Utilizar “afirma” ao invés de “diz”. Está referindo-se a um texto e não a uma fala do autor;
Visando a padronização do texto sugiro substituir o negrito pelo itálico nas expressões “ele” ... “como ele as percebe” ... “dizem a ele”.
- p. 6 Utilizar “escreve” ao invés de “diz”. Está referindo-se a um texto e não a uma fala do autora.
- p. 7 O ano da obra de [Tzvetan Todorov](#) (2004) não está fechando com o que consta na bibliografia. Sugiro também que seja informado a página deste livro no texto.

